

A LONGA ESPERA DE GIOVANNI DROGO

Francisco de Oliveira

A política às vezes se parece com o *Deserto dos Tártaros*: fortes bem situados, garbosos capitães, atenta vigília... e o inimigo não chega, como no romance de Buzzati. Giovanni Drogo se retira prosaicamente, e então chega o inimigo ansiosa e longamente esperado. Perdeu-se o tempo, a vida se esvaiu em repetitivos jogos de paciência, adeus glória...

Na política brasileira, às vezes tem-se a impressão de que as condições chamadas "objetivas" já existem para a eclosão das transformações esperadas. Uma lista não muito longa dessas condições incluiria a constituição dos novos partidos políticos, a expectativa de eleições diretas para presidente, o fim do autoritarismo, a convocação da Constituinte. Mas os políticos não submetem essas condições, e, como sujeitos insubstituíveis da cena política na democracia representativa, sem eles nada se faz. Gerações inteiras de Drogos continuam a retirar-se. Amargurados, chegam ao fim com a mesma sensação de logro (ou a palavra certa agora é *drogo?*): a democracia, esse príncipe tártaro, continua encantada, não chega.

À parte outras determinações substantivas, como estrutura social, grau de desigualdade, poder econômico, influência da mídia, fraqueza sindical, existência de enorme mercado informal de trabalho, estrutura agrária e mesmo tradição autoritária, mediações que não permitem nenhum esquematismo na tradução de estrutura social para estrutura política; à parte tudo isso, que não é matéria deste artigo, é inegável que um consistente quadro partidário é absolutamente indispensável para desencantar esse esperado príncipe tártaro. E o logro ou o *drogo*, essa sensação de esperar em vão, acusa imediatamente a geléia geral, a indefinição, o troca-troca de partidos, como um dos fatores responsáveis pela debilidade do experimento democrático.

Muitos pensam que falta nitidez à direita: as burguesias nem investem politicamente nem se sentem representadas pelos partidos ditos de direita; e mais, atuam por fora e contra os partidos. Outros acham que falta um centro: não se conhece democracia estável sem um forte partido de centro. A rigor, o centro quase nunca é um partido em si: é sempre o partido no governo que se converte em centro. Mas é possível adiantar que tampouco se conhece democracia estável, socialmente progressista, sem um forte agrupamento de esquerda. Os Estados Unidos constituem a única exceção a essa quase regra da história política do Ocidente, mas o logro, ou *drogo*, americano confortaria poucos.

No Brasil de hoje, o espectro político é falto de um grande agrupamento de esquerda, mesmo que fosse em seu meio-tom de centro-esquerda. Os partidos comunistas, depois de longa repressão, perderam sua identidade e sua influência. O PT é o novo: corresponde à tarefa original dos partidos comunistas, de dotar o operariado de identidade política. Juntos, PT e partidos comunistas — que não conseguem representar ainda a classe operária — têm uma árdua e dura tarefa. E podem ser insubstituíveis, se não se deixarem anestésiar — como estão agora — por uma ideologia velha, no fundo repetição cansativa e requentada das teses da III Internacional, que ainda percebe o capitalismo como ele era antes da revolução keynesiana, ainda independente da transformação de parte dos fundos públicos em capital estatal. Só esta mudança não basta para alterar completamente a dinâmica da luta de classes?

Parte do vazio permanece, pois. Simbolicamente as enormes classes médias de hoje não se sentem representadas pelos partidos de base operária e sindical. Estes não podem nem aspirar a tanto, pois se o tentassem arriscariam-se a perder suas bases operária e popular sem conquistar as camadas médias. Estruturalmente, as classes médias contemporâneas, como resultado da revolução keynesiana e da nova função do fundo público, são administradoras da medida econômica e social. Sua função específica é traduzir e articular as demandas particularistas. Toda vez que esta função se traduz na política, sem *alteridade das outras representações de classe*, as classes médias tendem a exorbitar e substituir as outras classes na negociação política. É o que acontece, pois, com o PMDB de hoje. O partido das classes médias tende, pois, a ser inconfundível em relação aos demais.

Ele tende a ser um partido de centro-esquerda, que hoje tem as condições objetivas para materializar-se. Hibernou durante certo tempo no MDB da época do autoritarismo, e provou-se eleitoralmente como partido de massas — ao contrário do antigo Partido Socialista Brasileiro —, com votos e personalidades ligados à luta contra a ditadura, pela democratização. Na transição vive incomodamente ainda dentro do PMDB, que cada vez mais é o partido de centro no Brasil — ah, essa espera, Drogo, parece que terminou bem — e dispersamente em outras organizações.

É hora de materializar-se. Personalidades "boas de voto" como os senadores Fernando Henrique Cardoso e Mário Covas, o prefeito do Rio, Roberto Saturnino Braga, o senador Itamar Franco, o prefeito do Recife, Jarbas Vasconcelos, os integrantes do Movimento de Unidade Progressista (MUP) do PMDB, e muitos outros mais; enfim, uma longa lista de políticos experimentados nos palanques, nas umas, na negociação política, na confiança popular. Número, experiência, massa crítica mais que suficiente para empreender uma clarificação do espectro político

que é reclamada não por gosto ideológico, mas programático. Não por pureza, mas por estratégia. Não por exclusivismos, mas para a nítida definição de alternativas.

Esse partido já existe sociologicamente. Seus eleitores não se conformam em permanecer entalados entre escolhas que não são alternativas: uma vaga opção entre carrancudos udenóides ou espertos populistas, como se viu nas eleições para governadores nos principais estados. Bem que gostariam de realmente optar. As condições objetivas existem: resta aos políticos cujos perfis se recortam como de centro-esquerda subjetivarem — pois só eles podem fazê-lo — a alternativa.

Para que não se volte a casa como Drogo, vivendo eternamente essa droga...